



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário - Ano XII – Agosto de 2016 / e-mail: nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org

Política Operária

Que o dia 16 de agosto seja verdadeiramente de luta em defesa do emprego, salário e direitos

As centrais sindicais anunciaram uma manifestação no dia 16 de agosto contra as medidas do governo golpista de Temer. Entre elas: a reforma trabalhista e a previdenciária.

Temer está pronto para impor mudanças na CLT que visam a facilitar as demissões, rebaixar salários, cortar benefícios e expandir as terceirizações para todas as atividades das fábricas e serviços. A principal mudança é a que acaba com o contrato coletivo do trabalho. O projeto do governo prevê, assim, o poder do “acordado sobre o legislado”. O que quer dizer que os patrões e a burocracia sindical podem fazer acordos por fábricas e por setores que contrariam os direitos gerais dos trabalhadores (contrato coletivo) previsto na CLT. Trata-se, portanto, de dar à flexibilização capitalista de exploração do trabalho a forma de lei. Lei essa que dá garantias ao patronato de retirar direitos.

Temer prepara um duro golpe às aposentadorias, com a reforma da previdência. Quer impor a idade mínima de 65 anos para alcançar o benefício, quer igualar homens e mulheres, quer aumentar o desconto para os trabalhadores e quer expandir os planos privados de previdência. Mas não quer mexer nas milionárias aposentadorias dos juízes, da alta cúpula dos militares, dos parlamentares e dos governantes.

Os capitalistas, por sua vez, estão demitindo a rodo. Somos mais de 12 milhões de desempregados e outros milhões de subempregados (vivendo na informalidade). A fome e a miséria não dão descanso para as famílias operárias e camponesas. O custo de vida está nas alturas. Os preços do feijão, do gás de cozinha, da água, da luz, do aluguél, etc atentam contra as condições de vida da maioria oprimida.

As razões, como se vê, para lutar estão aí. Precisamos de emprego, de um salário que possa manter nossa família e direitos que foram conquistados com muito sangue da classe operária (como a aposentadoria). E se há intenção de lutar por parte das centrais, é

preciso convocar as assembleias de base e organizar os explorados para que o dia 16 seja verdadeiramente de combate pelas reivindicações que unificam os trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe defende o dia 16 de agosto como o ponto de partida para um grande movimento nacional contra as reformas e as medidas do governo golpista de Temer. O Boletim Nossa Classe chama os operários a levantarem a bandeira: “Não pagaremos a gigantesca dívida pública com nossos empregos, salários e direitos!”

Sairemos às ruas defendendo:

1. *Emprego a todos. Que nenhum pai ou mãe de família esteja sem trabalho. Redução da jornada, sem reduzir os salários, para ampliar os empregos. E, para que haja emprego a todos, é preciso levantar a bandeira da escala móvel das horas de trabalho (divisão de todas as horas de trabalho entre todos aptos ao trabalho, sem redução salarial);*
2. *Campanha salarial unificada para repor as perdas e reajustar os salários. Rejeição do salário mínimo de fome do governo e defesa do salário mínimo vital, que em nossos cálculos deve ser R\$ 4.600,00;*
3. *Direitos trabalhistas, que protegem os explorados da rapinagem dos capitalistas;*
4. *Um único sistema de previdência estatal, inteiramente sob o controle da classe operária. Expropriação e estatização da rede privada de previdência. Direito à aposentadoria a todo trabalhador que atingir 25 anos de serviço. Que nenhum aposentado ganhe menos que o salário mínimo vital.*
5. *Que todas as centrais, sindicatos e movimentos constituam uma frente única sindical e popular de defesa das reivindicações da classe operária e dos demais trabalhadores.*

Campanha salarial unificada tem de ser para valer

Os metalúrgicos têm data-base em setembro. Os dirigentes do sindicato do ABC disseram que é preciso uma campanha unificada, porque a política dos patrões é de retirada de direitos e de congelamento salarial por três anos. Disseram que farão um ato unificado com outras centrais no dia 16 de agosto, para mostrar a “união dos companheiros”. Disseram que cinco reivindicações são as principais: não à terceirização e à perda de direitos; estabilidade e geração de empregos; reposição integral da inflação mais aumento real; valorização dos pisos e jornada semanal de 40 horas.

Mas, o que é preciso fazer para pôr em prática a campanha salarial unificada? 1) Exigir uma negociação coletiva e não por grupos. Convocar as assembleias gerais e tirar um plano de resistência coletiva. A experiência vem mostrando que a negociação por grupo enfraquece a luta geral. Devemos impor por meio da luta a negociação

unificada; 2) organizar desde já a greve geral dos metalúrgicos, caso o patronato não aceite as reivindicações; 3) fazer um chamado à luta unificada de todos os metalúrgicos, envolvendo os de São Paulo e outros estados.

Nessa campanha salarial temos um grande problema a enfrentar, que são as demissões e a aplicação da flexibilização capitalista da exploração do trabalho (lay-off, PPE, PDV, etc.). As assembleias devem discutir e aprovar as reivindicações de defesa do emprego e dos salários, bem como o fim das medidas de flexibilização que destroem as condições de vida dos operários.

Só por meio da luta coletiva e das grandes mobilizações poderemos arrancar as reivindicações. O patronato aposta na divisão dos operários. Nós do Boletim Nossa Classe apostamos na nossa força e na disposição de luta.

O acordo da Volks garantirá os empregos?

A montadora ameaçou com 3.600 demissões. A direção do sindicato metalúrgico se colocou por assinar um novo acordo que supostamente fosse bom para as duas partes (patrão e empregado). Usou, assim, a política de conciliação de classes.

O novo acordo garantirá os empregos até 2021? Não, companheiros. Já existia um acordo coletivo de 2012-2016, que vinha sendo modificado. Foi o que ocorreu em 2015, quando um acordo foi assinado prevendo a estabilidade dos empregos até 2019. Nesse período, a montadora continuou aplicando o PDV. Agora, o acordo modifica o que estava garantido até 2019. Como se vê, é um jogo da montadora para continuar demitindo. É bom lembrar que esses acordos somente determinam que a empresa não pode demitir de forma unilateral (sem consultar o sindicato). Mas está livre para demitir pelo PDV.

Por isso dizemos que o acordo é de demissão e de rebaixamento salarial. Um dos pontos do novo acordo diz que “só sai da fábrica por aposentadoria ou por pacote”. Qual é o pacote? O pacote é Programa de Demissão Voluntária (PDV). O PDV é ou não é demissão? O Programa de Proteção ao Emprego (PPE) é ou não é rebaixamento salarial? O lay-off é ou não é um aviso prévio de demissão? Por isso, diferentemente do discurso de que o acordo trouxe tranquilidade para os trabalhadores, na realidade trouxe maior pressão sobre o operário individualmente, que se verá ameaçado todos os dias de ser incluído no pacote. Este tipo de acordo favorece somente os capitalistas e enfraquece a luta da classe operária.

Essa não é a primeira vez que acordos dessa natureza são defendidos pela direção do sindicato. Também não é a primeira vez que uma assembleia vota um acordo que não garante os empregos. *Essas experiências com a política das direções permitem elevar a consciência dos operários de que é preciso constituir uma direção classista capaz de combater essa política de conciliação. As assembleias precisam ser democráticas para que os operários possam se manifestar livremente. Sem democracia operária nas assembleias, os trabalhadores ficam submetidos à política de conciliação dos dirigentes sindicais.*

COM AS DEMISSÕES, CRESCE O TRABALHO INFORMAL

A quantidade de trabalhadores sem carteira assinada (emprego formal) vem crescendo dia a dia. Passou de 9,78 milhões para 10,08 milhões nesses últimos cinco meses. O trabalho por conta própria e a informalidade são a única saída para uma parcela que perde o emprego com carteira. As consequências são duras: a maioria deixa de pagar a previdência, a renda mensal mal dá para o arroz e o feijão e se ficar doente não tem como ganhar o pão. Essa é a dura realidade que deve ser enfrentada coletivamente.

Os sindicatos precisam voltar a defender as reivindicações da classe operária contra as demissões e o desemprego: estabilidade no emprego, redução da jornada sem redução dos salários (escala móvel das horas de trabalho)

O boletim Nossa Classe luta contra as demissões e defende o emprego com carteira assinada a todos. Defende que os sindicatos formem os comitês unitários de empregados e desempregados para lutar pelos empregos.

TERCEIRIZAÇÃO DIVIDE OS OPERÁRIOS DA FÁBRICA

Os patrões ampliam os contratos com empresas terceirizadas para os serviços nas fábricas. Com isso, se livram dos encargos sociais. As empresas terceirizadas arrancam o sangue dos operários, pagam salários mais baixos e exploram ao máximo. Não são poucos os casos de terceirizadas que atrasam os pagamentos e deixam de pagar os direitos.

O Boletim *Nossa Classe* recebeu denúncias de operários terceirizados do ramo de borracharia. Dizem que dentro da fábrica tem várias terceirizadas. Todos fazem o mesmo serviço, os que são contratados pela empresa (efetivos) e os terceirizados. Mas as diferenças são enormes. Uns ganham mais do que os outros. E, quando chega o mês da data-base, os efetivos conseguem o reajuste e as terceirizadas não pagam o que foi acordado com o sindicato do setor, no caso, agora, 9,5%.

Como se vê, além da campanha salarial ser dividida por fábrica, os sindicatos não unificam os trabalhadores da mesma empresa. Os terceirizados são jogados às traças. Quem ganha são os patrões. Uns pela contratação de terceirizadas, outros por pagar menos e arrancar o couro dos operários.

O boletim Nossa Classe luta para que todos os sindicatos unifiquem os operários contra a terceirização e a favor da efetivação de todos os trabalhadores. Nenhuma divisão dentro da fábrica. Trabalho igual, salário igual.

O que é o salário?

Os capitalistas, patrões, fazem tudo para que os operários não saibam o que é o salário. Os dirigentes sindicais comprometidos com o patronato, por sua vez, também ocultam dos trabalhadores a função econômica dos salários. No entanto, é muito importante que todos saibam qual é o lugar do salário no sistema capitalista de exploração do trabalho. Karl Marx e Friedrich Engels, que criaram o socialismo científico, na segunda metade do século XIX, desvendaram os segredos do salário. Vejamos a definição: “O salário é o preço de uma determinada mercadoria, a força de trabalho”.

Como vemos, o operário vende para os capitalistas a sua capacidade física e mental de produzir, que é a força de trabalho. Os capitalistas, por sua vez, compram a força de trabalho para explorá-la. Esse é o começo de nossa compreensão sobre o que é o salário. Daí tiramos uma lição: a classe operária organizada, unida e consciente pode defender sua força de trabalho lutando contra a exploração capitalista.

No próximo boletim *Nossa Classe* avançaremos na explicação econômica e social do que é o salário.

O boletim Nossa Classe chama os operários e as operárias a participarem de nossas campanhas em defesa dos empregos, dos salários e dos direitos trabalhistas e previdenciários. O boletim Nossa Classe é independente dos patrões e da burocracia sindical, por isso é classista e revolucionário. Contribuam com suas denúncias.

Escreva para Caixa Postal 630 - CEP 01071 - São Paulo - SP - www.pormassas.org